

# UMA SOCIOLOGIA HISTÓRICA PARA O BRASIL: VARIAÇÕES BIBLIOGRÁFICAS EM TORNO DA OBRA DE LUIZ WERNECK VIANNA

A HISTORICAL SOCIOLOGY FOR BRAZIL: BIBLIOGRAPHIC VARIATIONS AROUND THE WORK OF LUIZ WERNECK VIANNA

**Maro Lara Martins**

Doutor em Sociologia pelo Instituto de Estudos Sociais e Políticos da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (IESP/UERJ). Realizou estágio pós-doutorado no Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Professor do Departamento de Ciências Sociais e do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES).

## RESUMO

O presente texto tem por objetivo debater as interpretações realizadas sobre a obra de Luiz Werneck Vianna em dois momentos: no lançamento da cátedra Luiz Werneck Vianna na Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), em 2010, e no seminário Uma Díficil Democracia: Diálogos Sobre a Obra de Luiz Werneck Vianna, em 2022. A partir do debate realizado nesses dois momentos, concebo uma interpretação sobre a sociologia histórica werneckiana, que leva em consideração três temas presentes na obra de Werneck Vianna: i) os estudos sobre a modernização brasileira; ii) o problema da democracia e da consolidação da experiência democrática no país; e iii) o papel dos intelectuais nos contextos periféricos e na concepção de uma sociologia histórica brasileira.

**Palavras-chave:** pensamento social brasileiro; teoria social; sociologia dos intelectuais; história das Ciências Sociais; sociologia histórica.

## ABSTRACT

The aim of this text is to discuss the interpretations of Luiz Werneck Vianna's work at two different moments: at the launch of the Luiz Werneck Vianna Chair at the Federal University of Juiz de Fora in 2010 and at the event Uma Díficil Democracia: Diálogos Sobre a Obra de Luiz Werneck Vianna, held in 2022. Based on the debate that took place at these two events, an interpretation of Brazilian historical sociology is formed that takes into account three themes present in Werneck Vianna's work: i) studies on Brazilian modernization, ii) the problem of democracy and the consolidation of the democratic experience in the country iii) the role of intellectuals in peripheral contexts, and the idea of sociological history.

**Keywords:** brazilian social thought; social theory; sociology of intellectuals; history of the Social Sciences; historical sociology.



Particularmente, tenho insistido numa relação íntima que o trabalho de Luiz Werneck Vianna enquanto sociólogo possui com a historiografia, de modo a produzir uma interpretação do Brasil de longo alcance. Em especial, nas interseções entre Estado, sociedade e economia como esferas basilares do andamento moderno brasileiro (Martins, 2023). O estudo sistemático sobre a formação das classes sociais no país, a emergência do Estado-nação e a consolidação do capitalismo industrial trazem à cena os elementos centrais para a constituição do que poderíamos identificar como uma sociologia histórica brasileira.

Nos últimos anos, as relações entre História e Ciências Sociais têm se tornado cada vez mais efetivas, seja na composição metodológica entre as áreas (Burke, 2002), seja na constituição de campos específicos, como o pensamento social e político brasileiro (Lynch, 2013) e a História das Ciências Sociais (Miceli, 1989), nas quais a efetivação do diálogo e o compartilhamento de objetos de estudos em comum se fazem presentes. Assim como na possibilidade de teorização sobre a produção científica realizada em contextos fora do Atlântico Norte (Maia, 2011), na procura pela sistematização de interpretações e experiências intelectuais periféricas (Martins, 2014, 2019, 2022, 2023), o que recairia sobre o papel dos intelectuais em contextos nacionais (Carvalho, 2007) ou transnacionais (Cotrim; Maio, 2021).

Em texto clássico sobre as características da sociologia histórica, Theda Skocpol (1984) argumentou que a sociologia sempre foi uma empreitada fundada e orientada historiograficamente sob quatro aspectos: i) os clássicos da disciplina, mesmo que em graus variados, oferecem conceitos e explicações históricas das estruturas sociais e da mudança social; ii) o exame sobre as sequências temporais se relaciona à busca das consequências e causalidades dos processos históricos; iii) as análises históricas seguem a interrelação de ações sociais e políticas, incluindo a compreensão das consequências inesperadas das transformações sociais; iv) o processo histórico de caso nacional revela as especificidades e as variáveis das estruturas sociais e dos padrões de mudança de modo a construir uma percepção universal das mudanças sociais.

O desenvolvimento das sociologias nacionais/regionais, especialmente em contextos periféricos, sublinhou essas especificidades características como singularidade da experimentação moderna periférica, na qual a contrastividade e a comparação entre itinerários e desenvolvimentos históricos nacionais/regionais das periferias com os centros ocuparam papel determinante nas interpretações sobre os distintos países. No caso brasileiro, tais elementos heurísticos são cruciais na mobilização das figurações dos agentes sociais descritos como fundamentais no processo histórico do país de modo a fundamentar os motivos e sentidos de sua ação social – ao mesmo tempo que elaborariam a imaginação sobre o espaço em que tais ações sociais se desenrolariam (Martins, 2022). Nessa relação entre espaço e ação social, a interpretação do Brasil, oriunda das Ciências Sociais, construiria o diagnóstico sobre os itinerários da modernidade brasileira, numa clara apropriação dos fundamentos da historiografia e da reflexão sobre os sentidos do tempo histórico no capitalismo periférico.



Na primeira parte do artigo, desenvolvo uma breve genealogia de algumas categorias analíticas utilizadas na heurística werneckiana, em especial, revolução passiva, via prussiana, modernização conservadora e modernização sem o moderno. Em seguida, analiso a fina dialética entre elementos estruturais e particularidades conjunturais na interpretação de Luiz Werneck Vianna sobre o processo de democratização institucional vivido pelo país após a ditadura civil-militar, concentrando-me nas ideias de República em ato, na Constituição Federal de 1988 como obra aberta e no papel do judiciário na democratização da esfera pública. E, por fim, concentro-me na concepção da sociologia histórica de Luiz Werneck Vianna apontando a afinação dos aparatos teóricos e conceituais perante sua aplicabilidade da análise histórica e do método histórico-comparativo. Tem-se, portanto, o desdobramento da obra de Werneck Vianna em três grandes temas intercambiáveis: i) os estudos sobre a modernização brasileira; ii) o problema da democracia e da consolidação da experiência democrática no país; e iii) o papel dos intelectuais na constituição da sociologia histórica do capitalismo periférico.

### Passagens da revolução passiva à modernização sem o moderno

No lançamento da cátedra Luiz Werneck Vianna na Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), em 2010, Maria Alice Rezende de Carvalho (2012) e Gisele Silva Araújo (2012) debateram a obra do homenageado enquadrando-a numa espécie de leitura original do país. Para Maria Alice Rezende de Carvalho, *Liberalismo e sindicato no Brasil*, originalmente a tese de doutorado de Vianna (1999b), foi escrita como peça de combate à ideia de que o Brasil moderno e seus personagens não floresceriam sob o peso da tradição autoritária brasileira. A autora chama a atenção para duas referências teóricas que foram determinantes na elaboração desse argumento: Lenin e Gramsci.<sup>1</sup>

Do primeiro, Werneck Vianna incorporou a sugestão de que as soluções democráticas ou autoritárias de modernização capitalista dependem do papel desempenhado nesse processo pelo mundo agrário. A via prussiana seria o caso paradigmático de uma transição burguesa conservadora, em que as elites agrárias tradicionais se apropriaram do Estado e lideraram a passagem à ordem moderna, preservando as formas autoritárias de controle social. A influência de Antônio Gramsci no trabalho de Werneck Vianna é o conceito de revolução passiva. Com essa categoria, Gramsci apontou a conjuntura em que mudanças moleculares são deflagradas em dada formação social e assimiladas basilarmente pelas forças da tradição. Isso denotava relevar as questões associadas à interação entre a infraestrutura material e a dimensão intelectual-moral das formações sociais nos contextos de transições históricas.

<sup>1</sup> Como bem lembrou Maria Alice Rezende de Carvalho (2012), especialmente Lenin (1979), de *El desarrollo del capitalismo em Rusia*, e Gramsci (2002), dos escritos sobre o Risorgimento italiano.

Gisele Silva Araújo (2012) assinalou que a compreensão da modernização brasileira, para Werneck Vianna, implicava escrutinar o conceito de revolução burguesa, para reformulá-lo sob a chave da revolução passiva de inspiração gramsciana. A forma-Estado em quaisquer de suas versões – liberal, corporativa, democrática ou ditatorial – não se explicaria mecanicamente pelo desenvolvimento capitalista *tout court*, mas derivaria, de modo incisivo, dos agentes sociais em cena, aproximando o trabalho de Werneck Vianna da análise de Florestan Fernandes (2006) explanada em *A revolução burguesa no Brasil*. Para Florestan, a Independência teria sido uma revolução encapuzada, propiciada pela vinda da família real portuguesa ao Brasil, em 1808. Do ponto de vista econômico, a Independência representou a continuidade do padrão colonial de organização da economia, enquanto sob o aspecto político, erguia-se o Estado moderno de inspiração liberal liderado pelas elites agrárias.

De todo modo, Maria Alice Rezende de Carvalho (2012) e Gisele Silva Araújo (2012) apontaram que os trabalhos de Werneck Vianna acabaram por enfatizar as primeiras décadas do século XX como fundamentais para a modernização brasileira – especialmente de sua particular apropriação do conceito de modernização conservadora para explicar a composição do período varguista, cuja inspiração provinha de Barrington Moore Junior (2010). Moore Junior partira de uma sociologia histórica de diversos casos de entrada na modernidade e concluiu que o processo de modernização não se deu de forma homogênea mesmo entre os países do centro do capitalismo. Resumindo o argumento, Moore desenvolveu umnexo entre democracia e liberdade nas sociedades que adentraram a modernidade através de grandes rupturas revolucionárias ou de padrões de manutenção de uma ordem conservadora da propriedade rural. Seu modelo incluía a modernização liberal-democrática, caso da Inglaterra, da França e dos Estados Unidos; a modernização pelo alto, que teria acontecido na Alemanha e no Japão; e a modernização camponesa, casos de China e Rússia. Em compasso com a interpretação leninista da via prussiana, a categoria “modernização conservadora” remete a processos históricos nos quais o pacto político entre setores tradicionais e/ou agrários da economia e da burguesia industrial impôs limites às transformações estruturais, condicionando o desenvolvimento capitalista nesses países e conduzindo-os para regimes políticos autocráticos e totalitários.

Nas homenagens que renderam à publicação do livro *Uma difícil democracia: diálogos sobre a obra de Luiz Werneck Vianna* (2023), Felipe Maia, Rafael Abreu e Diogo Tourino de Souza seguiram o tema levantado por Maria Alice Rezende de Carvalho (2012, 2023) e Gisele Silva Araújo (2012). Para Felipe Maia, Werneck Vianna constituiu um aparato conceitual original para lidar com o jogo complexo de interpretação de processos de longa duração e dos dilemas que se apresentam nos quadros conjunturais, as categorias de modernização conservadora, a revolução passiva e a modernização sem o moderno.

A modernização conservadora é uma forma de transformação social em que os processos formativos da comunidade nacional, tais como o Estado-nação moderno, a industrialização da

economia e a urbanização, não se davam sob a condução política da burguesia industrial, cuja visão de mundo estaria balizada pelo liberalismo. Ao contrário, foram conduzidos por uma aliança entre estratos da burguesia, camadas médias urbanas e setores tradicionais do mundo rural. Esses grupos se valeram de uma concepção corporativista da organização estatal, em que o controle da participação política se tornava um recurso decisivo para administrar os efeitos das transformações sociais.

Em suma, Werneck Vianna tomou como foco três grandes momentos da história brasileira. O seu nascedouro como revolução encapuzada determinaria os sentidos dos caminhos históricos que foram seguidos ao longo dos últimos dois séculos utilizando a categoria de revolução passiva. Em um segundo momento, Werneck Vianna atentou-se para os anos 1930 e os desdobramentos da modernização conservadora, cujos últimos suspiros se deram nos projetos autoritários da ditadura civil-militar. E, por fim, os processos de democratização da sociedade brasileira, que nas últimas quatro décadas desembocaram no processo da modernização sem o moderno.

Em seu artigo “A modernização e o contrário da República”, Diogo Tourino de Souza (2023) pondera que Werneck Vianna adotou uma perspectiva pessimista no varejo, mas otimista no atacado, expressão emprestada de Raul Francisco Magalhães (2012). Nesse diapasão, Werneck Vianna postulou a categoria “revolução passiva” como critério de interpretação, assentando para o ator subalterno a possibilidade de instaurar o próprio programa político a partir da democratização da sociedade brasileira nos anos 1980. A opulência dos projetos democráticos, a abertura para o horizonte de expectativas acendidos pela transição democrática e a oposição aos elementos autoritários da vida política brasileira pareciam conduzir o ator, finalmente, a tomar as rédeas da história nacional. Entretanto, não foi isso que aconteceu a partir dos anos 1990, caracterizado por Werneck Vianna, como um processo de modernização sem o moderno.

Seguindo esse processo, Rafael Abreu (2023) no artigo “Os ritmos e descompassos da modernização no Brasil: um esboço a partir da concepção de revolução passiva na obra de Luiz Werneck Vianna”, argumenta que Werneck Vianna identificou uma mudança de curso do Partido dos Trabalhadores (PT), originário do novo sindicalismo, cuja bandeira seria a ruptura com o corporativismo da Era Vargas e com a política da conciliação pelo alto, e teria estabelecido, sobretudo a partir de 2003, com o governo Luiz Inácio Lula da Silva, um Estado de compromisso, que teria abarcado os interesses que se encontravam em disputa na sociedade civil. Assim, instituiu-se uma fórmula inversa do modelo tradicional de revolução passiva, não apenas no arranjo pluriclassista do governo petista e sua conseqüente ausência de rupturas, mas em seus significados e desdobramentos em torno da centralização administrativa.

Nesses termos, como lembra Felipe Maia (2023), a categoria “modernização sem o moderno” é mobilizada para analisar o Brasil pós-democratização. Centrava-se na dialética entre o movimento das estruturas, cada vez mais adaptadas à economia-mundo e aos modos de

vida cidadãos, e o movimento da política, sobretudo a moderna valorização da democracia política e das formas de auto-organização da vida associativa diante do Estado. A disjunção se deve ao acanhamento que se antepõe ao processo de democratização a partir de uma cultura política conservadora, da qual não escapa nem mesmo setores da esquerda que surgiram originariamente como contrapontos aos elementos tradicionais e antagônicos à conservação como elemento basilar da dialética da revolução passiva brasileira, como o PT.

### República e democracia: uma experiência democrática incompleta

A dialética entre elementos estruturais e particularidades conjunturais continuou como elemento central das análises de Vianna (1989, 1991, 2006, 2011, 2015) sobre o período de democratização da sociedade brasileira a partir dos anos 1980. Grosso modo, as análises de conjuntura escritas por Werneck Vianna ao longo das últimas décadas ocuparam posição central na construção da ideia de democracia no Brasil, em particular no período mais decisivo da transição democrática da década de 1980. Seus achados interpretativos e seu modo de interpretar a política exerceram grande influência no pensamento social e político que prevaleceu nos últimos anos. A agenda democrática que ocupou o centro de suas intervenções públicas trouxe consigo as marcas da evolução conceitual que se processou em torno do debate sobre o tipo de experiência democrática que teria maturação para dialogar ativamente com os termos do mundo moderno, acionando os elementos transformistas e moleculares da revolução passiva à brasileira.

Para Marco Aurélio Nogueira (2012), as análises de conjuntura de Luiz Werneck Vianna possuem quatro pontos de sustentação: i) é impossível refletir sobre perspectivas da democracia sem uma ideia bem acabada de democracia; ii) é necessário adotar um enfoque metodológico que sirva à análise política e que dê conta dos processos de democratização sem abrir mão do tratamento mais analítico do Estado e do sistema político; iii) é preciso levar, na devida conta, as características contextuais do tempo presente; e iv) é fundamental proceder a uma análise da situação brasileira vista historicamente, caminho para que se possa chegar a seu momento atual e a seus desdobramentos possíveis em direção ao futuro. Associado a isso, como lembra Marcelo Diana (2023), as análises werneckianas sobrevivem às circunstâncias que as provocaram porque são atualizações da imponente reflexão histórica do seu autor amparada por uma erudição política intensa. A erudição política, nesse caso, menos que uma ferramenta intelectual de distinção de um grupo seletivo, ostenta a função de arma contra os elitismos narrativos, na medida em que a erudição se apresenta como uma perspectiva intelectual autoral direcionada à intervenção pública.

Em certa medida, Werneck Vianna guiava-se como uma espécie de intelectual público (Perlatto, 2023), esposando uma intranquila teoria (Wegner, 2012) e construindo uma sociologia indignada (Schwarcz, 2012). Os anos de militância partidária no Partido Comunista Brasileiro

(PCB); a participação no Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB) e nos Centros Populares de Cultura da União Nacional de Estudantes (CPC/UNE); a combinação sincrética entre os mundos universitários do Rio de Janeiro e de São Paulo; a construção de redes intelectuais e políticas ao redor do país; a atuação na Constituinte e a defesa intransigente da Carta de 1988; e a consequente junção entre atuação intelectual e ativismo político moldaram a atuação de Werneck Vianna ao longo dos anos.

As suas análises de conjuntura devem ser lidas como desdobramentos diretos das pesquisas científicas. Em suas pesquisas sobre o Poder Judiciário, intensificadas no final dos anos 1990, Werneck Vianna (1997a,b, 1999a, 2002, 2015) observou que a Constituição Federal de 1988 reservou ao Judiciário o papel de um novo e influente ator da vida republicana. Além disso, promoveu a revisão do sistema político brasileiro e as condições de afirmação de uma sociedade organizada autonomamente, demonstrando a existência de uma nova arena para as controvérsias entre princípios e valores, cujas decisões podem resultar em limites à vontade da maioria, numa clara inspiração tocquevilleana. Como lembra Carla Ferreira Soares (2023), a partir da virada do século, Werneck Vianna concebeu a ideia de uma república em ato, esposando a percepção de uma história acumulativa em que as sociedades contemporâneas foram paulatinamente naturalizadas pelas instituições, cujo ápice se apresenta no Estado democrático de Direito.<sup>2</sup> A discussão sobre uma república em ato está relacionada a pensar numa construção política em permanente transformação institucional e ininterruptamente aberta a novos atores e a novas formas de positivação do Direito, entendendo a construção republicana em constante construção, continuamente animada pelo conflito, o qual pressupõe, por sua vez, uma cultura política democrática.

No entanto, esse processo não ocorreu de modo pacífico. Seguindo os passos de Werneck Vianna, José Eisenberg (2012) apontou que as políticas compensatórias que definiram a edificação do neoliberalismo contemporâneo ganharam impulso renovado após a promulgação da Constituição Federal de 1988, notadamente a partir de meados da década de 1990. A tentativa de erigir uma espécie anacrônica de Estado de Bem-Estar Social no país padeceu da ausência de grupos suficientemente articulados para comprometer o Estado e seus governantes a interesses oriundos de grupos subalternos. Assim, observou-se a crescente produção de normas regulatórias de natureza social, sem que houvesse a constituição prévia do interesse público que garantisse como resultado a amplificação da cidadania e a regulação do sistema político. O resultado é a centralização política associada ao cenário em que o Estado de Bem-Estar Social é orientado pela articulação de interesses privados.

---

<sup>2</sup> Carla Ferreira Soares (2023) faz menção explícita à parceria entre Werneck Vianna e Maria Alice Rezende de Carvalho no artigo “Breves reflexões sobre a obra de Luiz Werneck Vianna”.

Em seus trabalhos que tratam da expansão dos direitos no Brasil e da atuação do Judiciário e do Ministério Público, havia uma reflexão sobre a tendência à positivação do Direito enquanto processo e abertura às demandas sociais e a sua expansão gradativa para temas e áreas sensíveis à experiência democrática. Como insiste Ana Paula Soares Carvalho (2023), nessas pesquisas, observam-se alusões a um processo de juridificação das relações sociais, em uma aposta que o Direito pode limitar a pressão dos meios do poder e do dinheiro sobre o mundo da vida, em franco diálogo com as preocupações habermasianas. Algumas demandas oriundas de movimentos sociais ganharam forma legal, passando a figurar na própria Constituição Federal de 1988, em espaços que até então se encontravam fora do universo regulatório (Faria, 2023). Esse processo incluiu mudanças não somente na legislação mas também nas instituições garantidoras do cumprimento da lei. No Brasil, foi notória a mudança no papel institucional do Ministério Público, que passou a lidar cada vez mais com temas ligados a direitos coletivos e difusos. A Carta de 1988 colocou o Judiciário como um dos canais para a presença da cidadania na esfera pública.

Esse caminho abre novas possibilidades à cidadania, mas deve estar acompanhado de controles democráticos das instituições judiciais, especialmente com relação a agenda de direitos minoritários e de combate à corrupção, evitando que tais instituições possam agir de forma autointeressada, como bem pontuou Igor Suzano Machado (2023). A participação do Judiciário e do Ministério Público na política é ambígua e pode se tornar paradoxal nesse sentido, pois pode reforçar os elementos tradicionais e conservadores ou os transformistas e moleculares. Esse longo processo civilizatório da república em ato remete ao longo e pachorrento caminho de democratização da esfera pública, a partir da qual a percepção de uma construção histórico-processualista do republicanismo prescinde de uma concepção comunitarista do Direito e da vida social, na medida em que esses valores se encontram inscritos nos procedimentos democráticos construídos ao longo do tempo. A abertura para a participação de setores subalternos da sociedade civil permite a explicitação de relações de poder e hierarquias que, de outra forma, permaneceriam ocultas pelos mecanismos da política institucional. Em suma, e retomando a linguagem gramsciana, Werneck Vianna arrematou apontando que novos aparelhos privados de hegemonia, que embora não sejam indiferentes ao Estado e ao mundo da política, ajudam a configurar um quadro mais consensual, o que não significa independente, de obtenção de hegemonia. Nesse caso, como insiste Igor Suzano Machado (2023) ao enxergar a Constituição Federal de 1988 como um processo inconcluso e como obra heurísticamente aberta, Werneck Vianna associava o aspecto sociológico de uma sociedade desejosa por amplificação democrática com a perspectiva de influir sobre a institucionalização do campo político e jurídico.

Como bem assinalaram Marco Aurélio Nogueira (2012), César Guimarães (2012), Marcelo Ayres Camurça (2012) e Marcelo Baumann Burgos (2012), Luiz Werneck Vianna é representante

destacado de uma tradição de abordagem da política que privilegia o delineamento de perspectivas de ação para o ator em face das circunstâncias históricas que limitam e viabilizam sua ação, a algumas características contextuais, como o mundo em que vivemos, o padrão de sociabilidade que está sendo induzido pelas mudanças recentes do capitalismo no mundo do trabalho, a compressão tempo-espço da reestruturação produtiva e a revolução informacional-tecnológica das últimas décadas, os impactos dos novos atores nos Estados nacionais, nas estruturas de classes, nos sistemas políticos e no modo de fazer política. Para completar a expressão de Lilia Schwarcz (2012), Werneck Vianna construiu uma sociologia indignada ao analisar de modo crítico os dramas da sociedade brasileira, mas ao mesmo tempo uma sociologia da esperança, pois o seu pensamento dialético de matriz marxista sempre o conduziu a horizontes de expectativas benfazejos relacionados ao presente-futuro do país.

### Sociologia histórica e interpretação do Brasil

Como venho argumentando, a sociologia histórica de Luiz Werneck Vianna chama a atenção para o problema dos diferentes tipos de configuração dos Estados nacionais, das formas de relacionamento entre classes sociais e construção da hegemonia, para o tema da diversidade dos processos de modernização, para a dessemelhança de modernidades e para um ponto metodológico importante: a extrapolação e o refinamento de aparatos teóricos e conceituais perante sua aplicabilidade mediada pelos fatores espaço-temporais da análise histórica e historiográfica do caso brasileiro.

Seguindo essa linha, Robert Wegner (2012) apontou que as análises werneckianas nunca dizem respeito apenas aos fatos por si, mas sempre envolve os atores sociais e políticos, trazendo ao menos três desdobramentos fundamentais da sua interpretação: i) os trabalhos de Werneck Vianna não podem ser segregados em estudos sociológicos, de história do pensamento, de Direito e democracia ou análise de conjuntura, tornando-se necessária uma visão do conjunto da obra; ii) a capacidade de atualização e diálogo com os clássicos do pensamento social e político brasileiro possui consequências políticas no presente; e iii) os temas das virtudes públicas e da tradição republicana perpassam a abertura à ação social dos atores. Luiz Werneck Vianna condensa uma espécie rara de intranquila teoria que pode ser desdobrada em dois aspectos. Em primeiro lugar, não é possível separar a reflexão sobre o passado e o presente, nem cortar a relação entre o estudo acadêmico e científico do pensamento social e político brasileiro e a análise de conjuntura em textos de opinião. Em segundo lugar, a preocupação de Werneck Vianna diz respeito aos rumos do capitalismo brasileiro, em uma solução entre iberismo e americanismo, que pode resultar ou na democratização da política pela sociedade ou na anulação do espaço público.

Essa pauta de preocupações fez com Werneck Vianna se debruçasse com sistematicidade sobre as interpretações do Brasil construídas por vários intelectuais, justamente por reconhecer

a centralidade que o pensamento e a reflexão tiveram ao longo da história brasileira, tanto nos sentidos e significações dessa experiência social e política quanto na constituição dos atores na fina dialética entre o pensar e o agir. Os estudos werneckianos sobre os intelectuais e sobre o pensamento social e político brasileiro, como alerta Fernando Perlatto (2023), tem sua importância não apenas pela análise que Werneck Vianna constrói acerca das visões que esses intelectuais tinham do Brasil, mas por demonstrar de que maneira as interpretações de iberistas e americanistas tiveram impactos concretos nas disputas políticas sobre as relações entre Estado, mercado e sociedade, para que o país pudesse alcançar a modernização e o moderno. A centralidade do tema da organização dos intelectuais, também de inspiração gramsciana, foi pensada em uma perspectiva comparativa com outros contextos no qual ele reflete sobre o lugar da *intelligentsia* nos processos de modernização, a partir de casos concretos de inscrição de categorias e de organizações de intelectuais na vida pública brasileira dentro e fora do Estado e do mundo político.

Esses elementos comparativos permitiram a Luiz Werneck Vianna compor um quadro geral de encaminhamentos rumos à modernidade. Estaria aí, como identifica João Marcelo Ehlert Maia (2012), a contribuição original de Werneck Vianna para a prolífica imaginação histórico-sociológica, cujo método comparativo é a marca da sociologia política brasileira. Ao contrário de obras que viam no passado apenas fatores explicativos de um autoritarismo de longa duração, os escritos werneckianos oferecem uma perspectiva na qual o *nation-building* brasileiro seguiu caminho estranho à lógica liberal-contratualista, mas nem por isso exclusivamente recessivo.

Ao combinar os temas da via prussiana de inspiração leninista, a modernização conservadora fincada na sociologia histórica de Barrington Moore Jr. (2010) e a sua original e criativa categoria da modernização sem o moderno, na chave mais larga da revolução passiva gramsciana, Werneck Vianna abriu a possibilidade de pensar a revolução brasileira como conceito historiográfico e categoria heurística, e, ao mesmo tempo, como um critério de ação e interpretação, uma espécie de atracadouro para o ator político no processo histórico, como parte da dialética constitutiva do ator: o pensar e o agir. A revolução passiva não é apenas um conceito a ser aplicado ao caso brasileiro, em uma importação desleixada de certo marxismo ortodoxo, mas criativamente transformada numa perspectiva sobre o Brasil. Ao mesmo tempo é marca originária de sua constituição e solo onde os processos de modernização são realizados, apontando para as possibilidades de uma política progressista que não faça tábula rasa da tradição, mas que saiba interpelá-la, apostando em um diagnóstico das contradições da longa e pavorosa revolução passiva brasileira.

Ao mesmo tempo, os elementos conjunturais da experiência social e política no capitalismo periférico necessitam de solidificação interpretativa, como nas categorias de modernização conservadora e modernização sem o moderno. Se a categoria de revolução passiva perpassaria

o momento fundante do Estado-nação, da formação das classes sociais e da consolidação do capitalismo brasileiro em um largo movimento de longa duração na dialética entre o ator e os fatos, alguns momentos decisivos são retratados pelos conceitos de modernização conservadora, em suas referências ao processo e projeto modernizador dos anos 1930; bem como a modernização sem o moderno, desdobramento dos dilemas enfrentados no processo de democratização das instituições pós-ditadura civil-militar e do contexto social e político do final do século XX e início do século XXI.

### Palavras finais

Luiz Werneck Vianna criou uma perspectiva sobre o Brasil que lhe permitiu extrair das tensões temporais, conjunturais e estruturais, os sentidos e significados do devir histórico brasileiro, tanto em sua concepção historiográfica quanto em sua contemporaneidade. Essa extração conduz aos dilemas da sociedade brasileira e de sua modernidade desde o princípio, marca indelével dos rumos que o país seguiu desde o início do século XIX. Uma vez colocada em cena, a roda da história giraria entre círculos, linhas retas e zigue-zagues, exibindo a tensão entre a modernidade local e os outros andamentos modernos, interpelados a partir da dialética entre o caso nacional e os casos centrais de entrada na modernidade.

O Brasil e, por extensão, a América Latina seriam locais propícios nos quais a criatividade de seus intelectuais transbordaria o pragmático e lento exercício da interpretação do tempo enquanto erudição intelectual. Os intelectuais, nesta região do mundo, traçariam planos de intervenção sobre o tempo, corrigindo a sua rota numa interseção direta com o mundo da política. Esse transbordamento entre o campo intelectual e a esfera política realizado na periferia do capitalismo, levaria a uma dialética fina entre o ator e os fatos, e, ao analisar a constituição do ator, as relações entre o pensar e o agir (Vianna, 2001).

De todas as repercussões dos intelectuais em contextos periféricos, destaco duas premissas werneckianas que são fundamentais. A primeira é a proposição de que, para se interpretar o país, é preciso levar a sério também o que se disse sobre o Brasil, suas tradições e seus estilos de pensamento. Então, o Brasil é, ao mesmo tempo, sujeito e objeto. Dito de outro modo, o país é devir histórico ou andamento do tempo com suas linhas tortas e zigue-zagues, e, concomitante, é a interpretação desse movimento, constituindo uma autorreflexividade e autoconsciência do seu papel no concerto das nações.

Luiz Werneck Vianna (1997b) estabeleceu de forma contundente as grandes famílias intelectuais da história brasileira: o americanismo, o iberismo e o marxismo. Em *A revolução passiva: iberismo e americanismo no Brasil*, o autor situou o americanismo e o iberismo, que permearam e deram sentido às interpretações sobre o Brasil desde o momento de fundação do Estado-nação, como um pêndulo que se projetava sobre a sociedade através da política e do controle do Estado. Para Vianna (1997b), essas tradições de interpretação, de longa duração entre



os intelectuais brasileiros, revelam os modos pelos quais a ação política e a intervenção no mundo público sempre fizeram parte da ação social dos intelectuais. Para ele, o americanismo exprimiria uma ordem social orientada em torno dos interesses e animada pela dinâmica associativa dos indivíduos, enquanto o iberismo expressaria um ordenamento no qual o Estado se ergueria como o local de reafirmação do público, instância racionalizadora, que se lançaria sobre o próprio corpo social. Enquanto o marxismo se ergueu nas primeiras décadas do século XX em nítido contraste com as linhagens americanistas e iberistas, ao procurar os fundamentos das estruturas sociais e das instituições políticas sob a via da mudança social, muito embora e quase sempre, sem muito sucesso.<sup>3</sup>

A segunda premissa de Werneck Vianna sobre os intelectuais diz respeito ao rastreamento do diagnóstico da constituição social e política da modernidade na periferia do capitalismo. Ao estudar o caso brasileiro, Werneck Vianna decifrou o enigma da história brasileira ao colocá-la sob a chave da revolução passiva, um território que chegou à modernização em compromisso com o seu passado. No binômio conservação-mudança, o termo “mudança” passaria a comportar consequências que escapariam inteiramente à previsão do ator, gerando expectativas de que a via do transformismo poderia ser concebida como a melhor passagem para a modernização do país, enquanto o termo conservação indicaria a possibilidade de constante reatualização do mundo da tradição. Esse processo molecular e de longa duração definiu os modos de articulação entre Estado e sociedade no caminho da modernização brasileira. Assim, a constituição do Estado nacional, no campo político; a consolidação do capitalismo industrial, na área econômica; e a estrutura de classes sociais, na esfera social; em cada contexto, tempo e espaço, adquirem um andamento diferenciado, conservando, entretanto, aspectos universais de inter-relacionamento.

O que diferenciou a experiência moderna brasileira foi ter sido arquitetada pela dialética entre conservação-mudança, exemplo da revolução passiva, que o próprio Werneck Vianna estruturou a partir da imagem legada por Euclides da Cunha em sua obra-prima, *Os sertões*, e a metáfora-imagem euclidiana de Hércules-Quasímodo. Nesse cenário, em que o ator, para seguir na linguagem werneckiana, tenta desesperadamente controlar os fatos, acaba por revelar o hercúleo ou a feiura de Quasímodo, entendido como síntese do país, ora visto como inacabado, ora visto como excesso. Para o autor, existia uma correlação entre espaço e sociabilidade na interpretação do país, que comportava uma dupla dimensão. Em primeiro lugar, a produção e análise do espaço como variável independente na explicação de hábitos e costumes, como espaço físico e palco do desenrolar civilizatório. Em segundo lugar, uma concepção que se refere

---

<sup>3</sup> Já em “Weber e a interpretação do Brasil”, Werneck Vianna (1999c) explorou as formas com as quais o sociólogo alemão foi lido e aclimatado pelos intelectuais brasileiros ao se pensar a singularidade da formação brasileira e, por conseguinte, as vicissitudes da modernidade brasileira.

ao espaço, a partir de imagens e alegorias, que se relacionam às formas de sociabilidade e organização civilizatória.

Retomando os argumentos de Theda Skocpol (1984) sobre as características da sociologia histórica, é possível relacioná-las ao trabalho de Werneck Vianna, na medida em que encontramos explicações históricas das estruturas sociais e da mudança social, às suas consequências e causalidades, às ações significativas e aos contextos conjunturais e às especificidades estruturais e padrões de mudança e organização social. E mais, Werneck Vianna construiu uma sociologia histórica de inspiração marxista extremamente criativa e original sobre o Brasil. Não é à toa que ele investigou as dicotomias basilares da interpretação do país em uma difícil síntese. A tese reanimava as tradições e as colocava sob a chave da atualização constante da contemporaneidade inscritas na recessiva revolução passiva brasileira. A antítese conjugava a novidade e as possibilidades abertas pelo desenrolar histórico, inclusive seu futuro, saturando de abertura o horizonte de expectativas dos processos de democratização da sociedade e da política. E a síntese carregava essa contradição como fundamento de uma modernidade periférica, em especial na forma em que Estado, economia e sociedade se interrelacionavam do ponto de vista concreto da sua materialização histórica. Ao explicar essa difícil síntese, a interpretação construída por Werneck Vianna, revelava de modo empírico as características da modernidade na periferia do capitalismo enquanto construía uma complexa concepção de sociologia histórica.

## Referências

- ABREU, Rafael Assumpção de. Os ritmos e descompassos da modernização no Brasil: um esboço a partir da concepção de revolução passiva na obra de Luiz Werneck Vianna. In: SOUZA, Diogo Tourino de *et al.* *Uma difícil democracia: diálogos sobre a obra de Luiz Werneck Vianna*. Juiz de Fora: Editora UFJF: Aldeia, 2023. p. 54-66.
- ARAÚJO, Gisele Silva. Luiz Werneck Vianna: as duas faces da revolução passiva brasileira e um programa democrático radical. In: BARBOZA FILHO, Rubem; PERLATTO, Fernando (org.). *Uma sociologia indignada: escritos sobre Luiz Werneck Vianna*. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2012.
- BARBOZA FILHO, Rubem; PERLATTO, Fernando (org.). *Uma sociologia indignada: escritos sobre Luiz Werneck Vianna*. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2012.
- BURGOS, Marcelo Baumann. Cientistas sociais da geração dos anos 1980. In: BARBOZA FILHO, Rubem; PERLATTO, Fernando (org.). *Uma sociologia indignada: escritos sobre Luiz Werneck Vianna*. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2012.
- BURKE, Peter. *História e teoria social*. São Paulo: Editora Unesp, 2002.

- CAMURÇA, Marcelo Ayres. Werneck Vianna e suas inquietações: imagens e *ethos* da militância comunista. In: BARBOZA FILHO, Rubem; PERLATTO, Fernando (org.). *Uma sociologia indignada: escritos sobre Luiz Werneck Vianna*. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2012.
- CARVALHO, Ana Paula Soares. Pensando cidade, direito e democracia pelas lentes de Werneck Vianna. In: SOUZA, Diogo Tourino de *et al.* *Uma difícil democracia: diálogos sobre a obra de Luiz Werneck Vianna*. Juiz de Fora: Editora UFJF: Aldeia, 2023. p. 84-92.
- CARVALHO, Maria Alice Rezende de. Apresentação da conferência do professor Luiz Werneck Vianna. In: SOUZA, Diogo Tourino de *et al.* *Uma difícil democracia: diálogos sobre a obra de Luiz Werneck Vianna*. Juiz de Fora: Editora UFJF: Aldeia, 2023. p. 109-111.
- CARVALHO, Maria Alice Rezende de. Temas sobre a organização dos intelectuais no Brasil. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 22, n. 65, p. 17-31, 2007.
- CARVALHO, Maria Alice Rezende de. Textos, contextos e um Brasil. In: BARBOZA FILHO, Rubem; PERLATTO, Fernando (org.). *Uma sociologia indignada: escritos sobre Luiz Werneck Vianna*. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2012.
- CARVALHO, Maria Alice Rezende de; VIANNA, Luiz Werneck. República e civilização brasileira. In: BIGNOTTO, Newton. *Pensar a República*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2000. p. 131-154.
- COTRIM, Aline de Sá; MAIO, Marcos Chor. O nascimento de uma produção sociológica: os estudos de Hiroshi Saito sobre a imigração japonesa no Brasil (1947-1953). *Contemporânea: Revista de Sociologia da UFSCar*, São Carlos, SP, v. 11, n. 1, p. 201-227, jan./abr. 2021.
- DIANA, Marcelo. Sombras do Brasil: reflexões contemporâneas sobre narrativas, política e interpretações do Brasil. In: SOUZA, Diogo Tourino de *et al.* *Uma difícil democracia: diálogos sobre a obra de Luiz Werneck Vianna*. Juiz de Fora: Editora UFJF: Aldeia, 2023. p. 23-30.
- EISENBERG, José. Direito, democracia e neoliberalismo no Brasil. In: BARBOZA FILHO, Rubem; PERLATTO, Fernando (org.). *Uma sociologia indignada: escritos sobre Luiz Werneck Vianna*. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2012.
- FARIA, Alessandra Maia. Werneck Vianna e o mundo da vida. In: SOUZA, Diogo Tourino de *et al.* *Uma difícil democracia: diálogos sobre a obra de Luiz Werneck Vianna*. Juiz de Fora: Editora UFJF: Aldeia, 2023. p. 77-92.
- FERNANDES, Florestan. *A revolução burguesa no Brasil: ensaio de interpretação sociológica*. São Paulo: Globo, 2006.
- GRAMSCI, Antonio. *O Risorgimento: notas sobre a história da Itália*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002. (Cadernos do Cárcere, v. 5).
- GUIMARÃES, César. Esquerda e democracia. In: BARBOZA FILHO, Rubem; PERLATTO, Fernando (org.). *Uma sociologia indignada: escritos sobre Luiz Werneck Vianna*. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2012.



- LENIN, Vladimir. *El desarrollo del capitalismo em Rusia: el proceso de la formación de un mercado interior para la gran industria*. Moscou: Editorial Progreso, 1979.
- LYNCH, Christian E. C. Por que pensamento e não teoria?: A imaginação político-social brasileira e o fantasma da condição periférica (1880-1970). *Dados*, Rio de Janeiro, v. 56, n. 4, p. 727-767, 2013.
- MACHADO, Igor Suzano. O pontificado laico entre o deus do perdão, o deus do castigo e seus edifícios construídos no mundo dos homens. In: SOUZA, Diogo Tourino de et al. *Uma difícil democracia: diálogos sobre a obra de Luiz Werneck Vianna*. Juiz de Fora: Editora UFJF: Aldeia, 2023. p. 93-108.
- MAGALHÃES, Raul Francisco. A República estava lá, mas a democracia não, ou jamais fomos ibéricos. In: BARBOZA FILHO, Rubem; PERLATTO, Fernando (org.). *Uma sociologia indignada: escritos sobre Luiz Werneck Vianna*. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2012.
- MAIA, Felipe. Uma teoria e uma história para a democratização brasileira. In: SOUZA, Diogo Tourino de et al. *Uma difícil democracia: diálogos sobre a obra de Luiz Werneck Vianna*. Juiz de Fora: Editora UFJF: Aldeia, 2023. p. 45-53.
- MAIA, João Marcelo Ehlert. Ao sul da teoria: a atualidade teórica do pensamento social brasileiro. *Sociedade e Estado*, Brasília, DF, v. 26, n. 2, p. 71-94, maio/ago. 2011.
- MAIA, João Marcelo Ehlert. Lendo Gramsci e Lênin na periferia: a obra de Luiz Werneck Vianna e a sociologia política no Brasil e no mundo. In: BARBOZA FILHO, Rubem; PERLATTO, Fernando (org.). *Uma sociologia indignada: escritos sobre Luiz Werneck Vianna*. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2012.
- MARTINS, Maro Lara. A vocação modernista cultura e política na experiência intelectual do modernismo brasileiro. *Intelligere*, [s. l.], v. 14, p. 1-29, 2022.
- MARTINS, Maro Lara. Dialética do pensamento social brasileiro: uma perspectiva a partir de Luiz Werneck Vianna. In: SOUZA, Diogo Tourino de et al. *Uma difícil democracia: diálogos sobre a obra de Luiz Werneck Vianna*. Juiz de Fora: Editora UFJF: Aldeia, 2023. p. 16-22.
- MARTINS, Maro Lara. Entre a cultura e a política: a sociologia modernista dos anos 1930. *Revista Estudos Políticos*, Niterói, v. 5, n. 2, p. 583-599, 2014.
- MARTINS, Maro Lara. *Sociologia, modernismo e interpretação do Brasil*. São Paulo: Alameda, 2019.
- MICELI, Sérgio (org.) *História das Ciências Sociais no Brasil*. São Paulo: Vértice: IDESP/Finep, 1989. v. 1.
- MOORE JUNIOR, Barrington. *As origens sociais da ditadura e da democracia: senhores e camponeses na construção do mundo moderno*. Lisboa: Edições 70, 2010.
- NOGUEIRA, Marco Aurélio. Uma ciência para a política. In: BARBOZA FILHO, Rubem; PERLATTO, Fernando (org.). *Uma sociologia indignada: escritos sobre Luiz Werneck Vianna*. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2012.



- PERLATTO, Fernando. Luiz Werneck Vianna, os intelectuais e a modernização brasileira. In: SOUZA, Diogo Tourino de *et al.* Uma difícil democracia: diálogos sobre a obra de Luiz Werneck Vianna. Juiz de Fora: Editora UFJF: Aldeia, 2023. p. 31-42.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. Por uma cátedra Luiz Werneck Vianna. In: BARBOZA FILHO, Rubem; PERLATTO, Fernando (org.). *Uma sociologia indignada: escritos sobre Luiz Werneck Vianna*. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2012.
- SKOCPOL, Theda. *Vision and method in historical sociology*. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.
- SOARES, Carla Ferreira. Breves reflexões sobre a obra de Luiz Werneck Vianna. In: SOUZA, Diogo Tourino de *et al.* Uma difícil democracia: diálogos sobre a obra de Luiz Werneck Vianna. Juiz de Fora: Editora UFJF: Aldeia, 2023. p. 9-15.
- SOUZA, Diogo Tourino de. A modernização e o contrário da República. In: SOUZA, Diogo Tourino de *et al.* Uma difícil democracia: diálogos sobre a obra de Luiz Werneck Vianna. Juiz de Fora: Editora UFJF: Aldeia, 2023. p. 67-74.
- VIANNA, Luiz Werneck (org.). *A democracia e os três poderes no Brasil*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2002.
- VIANNA, Luiz Werneck *et al.* *A judicialização da política e das relações sociais*. Rio de Janeiro: Revan, 1999a.
- VIANNA, Luiz Werneck *et al.* *Corpo e alma da magistratura brasileira*. Rio de Janeiro: Revan, 1997a.
- VIANNA, Luiz Werneck. *A modernização sem o moderno: análises de conjuntura*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2011.
- VIANNA, Luiz Werneck. A questão nacional. [Entrevista cedida a] Vanilda Paiva e Lúcia Lippi Oliveira. In: SENTO-SÉ, João Trajano; PAIVA, Vanilda (org.). *Pensamento social brasileiro*. Rio de Janeiro: Cortez, 2005.
- VIANNA, Luiz Werneck. *A revolução passiva: iberismo e americanismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Revan, 1997b.
- VIANNA, Luiz Werneck. *A transição: da constituinte à sucessão presidencial*. Rio de Janeiro: Revan, 1989.
- VIANNA, Luiz Werneck. *De um plano Collor a outro*. Rio de Janeiro: Revan, 1991.
- VIANNA, Luiz Werneck. *Ensaios sobre política, direito e sociedade*. São Paulo: Hucitec, 2015.
- VIANNA, Luiz Werneck. *Esquerda brasileira e tradição republicana*. Rio de Janeiro: Revan, 2006.
- VIANNA, Luiz Werneck. *Liberalismo e sindicato no Brasil*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1999b.
- VIANNA, Luiz Werneck. O pensar e o agir. *Lua Nova*, São Paulo, v. 54, p. 35-42, 2001.
- VIANNA, Luiz Werneck. Trajetória pelo próprio olhar: conferência de encerramento. In: BARBOZA FILHO, Rubem; PERLATTO, Fernando (org.). *Uma sociologia indignada: escritos sobre Luiz Werneck Vianna*. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2012.

VIANNA, Luiz Werneck. Weber e a interpretação do Brasil. *Novos Estudos CEBRAP*, São Paulo, n. 53, p. 36-47, 1999c.

WEGNER, Robert. A intranquila teoria de Luiz Werneck Vianna. In: BARBOZA FILHO, Rubem; PERLATTO, Fernando (org.). *Uma sociologia indignada: escritos sobre Luiz Werneck Vianna*. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2012.